

# O LIBERAL.

PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR—Gaspar Augusto d'Oliveira Faria Basto.

PUBLICA-SE A'S QUINTAS FEIRAS

NUMERO 14.

Assignatura para Braga, anno.....1/600 rs.  
as provincias.....1/840 rs.  
Escritorio da redacção rua Nova, n.º 45.  
onde se recebem todos os annuncios e corres-  
pondencias.

QUINTA FEIRA 12 DE DEZEMBRO.

Annuncios e communicados, por linha. . . 20 rs.  
Repetições . . . . . 10 \*  
Folha avulso.....30 \*  
Publicações litterarias 2 exemplares.  
Assignaturas pagas adiantadas.

ANNO, 1872

Rogamos aos snrs. assignantes de fóra da terra, o especial favor de mandarem satisfazer, ou por vales do correio, ou em estampilhas, dirigidas á redacção, a importancia do 1.º trimestre, que findou.

Está auctorizado o illm.º snr. Manoel Augusto da Costa Oliveira, da villa de Fafe, para receber o importe das assignaturas do «Liberal», n'aquella villa.

Aquelles snrs. assignantes que não quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura tenham a bondade de o mandar declarar na redacção para não haver embaraços na administração do jornal.

## QUE DESGRAÇA!

E' pois certo: a voz pavorosa de um sacerdote, d'um padre, echoou, medonha e retumbante como o trovão, e segredou ás auras, que passavam e perpassavam por entre as verdes folhas dos olmeiros, aos soes, que, radiosos de formosura, sen-

## FOLHETIM.

A' poesia que se segue, composta unicamente para ser recitada, faltalhe, bém o sabemos, á symetria que a boa versificação exige; confiados, porém, na benevolencia dos mestres ahí a apresentamos tal como nos sahio dos bicos da penna. Estivemos, com franqueza o dizemos, quasi resolvidos a corrigil-a da melhor maneira que podessemos, mas, ao recordarmos que, muitas vezes, a emenda é peor que... mudamos de opinião.

## POESIA

recitada no theatro de S. Geraldo  
no 1.º de Dezembro de 1872.

Era um povo gigante! em cada pedra das vetustas muralhas do oriente, salpicadas de sangue mauritano, contava uma epopéa, um feito ingente!

Era um povo gigante! a velha Europa, ao vêr o seu pendão nunca vencido, tremia, como treme o Chimborazo ao sentir-se da lava combalido!

Era um povo gigante! ceus e mares, no valor traduzindo muita insannia, mil vezes repetiram, de medrosos, o nome d'essa heroica Lusitania!

tillavam no manto azul do Omnipotente, ao mar, á terra, ao ceu: O Liberal está excommungado!!!

Oh! padre! oh! bonzo estúpido e, por isso mesmo, indigno de occupares um logar tão respeitabilissimo! oh! brabamane fanatico e intolerante! porque deixaste sahir dos labios esse anathema furibundo e cruelissimo? Quem te ensinou essa linguagem diabolica?

Quem te disse que o Liberal estava excommungado? Quem?

Excommungado? Porque?

Por defender um principio que firma o seu pedestal ingente no cimo do Golgotha?

Por dizer que o governo do infante D. Miguel era infame e sanguinario como o Macbeth do poeta britanico?

Por demonstrar, até a evidencia, que os sectarios do infante perjuro (com honrosas excepções) são hypocritas, vis, impostores, emfim; pois que tentam, em nome d'um Deus de amor e de paz, perverter a sociedade actual, que se dirige, em santa romagem, para o templo sumptuoso do progresso?

Será por tudo isto, padre? Que nojo nos causas!...

Dize, sacerdote indigno, pódés, por ventura, provar que o Liberal esqueceu já alguma vez o respeito devido á religião purissima do Christo?

Era um povo gigante! um bardo ingente lhe acalentava a fronte bellicosa e, crente nos destinos do futuro, venceu d'Homero a lyra esplendurosa!

Era um povo gigante! aguia soberba com as azas roçou no firmamento, e, em Alcacerquivir sendo ferida, cahiu por sobre o terreo pavimento!..

Viu alli joven monarcha, no verdor da mocidade, entre balas e granadas, entre fumo e heroicidade, envolto n'essa bandeira, que agitou a terra inteira, quebrar o sceptro real... viu aos pés dos seus guerreiros, d'esses Heitor's altaneiros, apagar-se almo fanal...

Alli, n'essa lucta homerica, n'essa epopéa famosa, os nossos brios guerreiros tiveram sorte horrorosa! Nós, os gigantes passados, nós, Achilles denodados, alli tombamos no chão...

E tu ó patria anciosa em quanto a Hespanha orgulhosa te arrancava o coração!

Sessenta annos gemendo sob o jugo de Castella! sessenta annos passados sob os raios da procella! sessenta annos sumidos

Em que numero do Liberal vem esse trecho, que existe só na tua mente?

Se expor á luz fulgentissima dô dia os abusos que, infelizmente, se commettem em nome do nosso Deus, em nome da religião, que profundamente respeitamos;

Se escrever contra aquelles sacerdotes que não cumprem deveres sacrosantos;

Se proclamar, alto e bom som, que os iniciadores da Associação Catholica são, pela maior parte, impostores como Mahomet;

Se dizer que elles teem todas as virtudes excepto a da pobreza;

Que alguns d'elles (collegas teus) teem extorquido heranças, empregando para esse fim meios infamissimos e repugnantes;

Que as victimas da sua (d'elles padres) desenfreada ambição ensinam por ahí, de porta em porta, um cibo de pão para os filhinhos, que, em altos gritos, não cessam de lhes pedir pão;

Se, finalmente, chamar infame ao que é infame, vil ao que é vil, roubo ao que é roubo, se, repetimos, dizer tudo isto, e o mais que ainda havemos de dizer, é atacar a religião, n'esse caso, padre, nós somos anti-religiosos.

Mas não; Deus que lê claramente

entre prantos e rugidos d'um povo que já foi rei, d'um povo heroico, valente, que nas plagas do oriente muita vez dictou a lei!

Sessenta annos vividos entre um abysmo profundo, sem vêr um raio doirado do sol que brilha no mundo! sessenta annos... um dia desfez-se a nuvem sombria, e o leão bradou de pé: siga meus passos guerreiros quem tem brios altaneiros, quem tem crenças n'uma fé...

E foi assim, que n'ess'hora ás armas tudo correu... ao lembrar feitos passados cada luso era um Pompeu! Se acaso alguém resistia, por terra logo cahia mordendo o pó de raivoso; e, depois d'essa peleja que ao mundo causou inveja, Portugal era ditoso!

Com essa espada d'Ourique, que mil poemas traçou, elle, antistete gigante, laureis mais verdes ganhou! Castella ouviu nosso grito e, n'um rugido maldicto, murmurou nova derrota... Foi o choque pavoroso, mas, alfim, surgiu ditoso Portugal! Aljubarrota!

em nossos corações, Deus que, me'lhior que tu, sabe avaliar as nossas crenças, a nossa fé, Deus conhece a enormissima distancia que vae da nossa religião á vossa.

Dizei: a religião, que professaes, ordena-vos, por ventura, que vos involvaeis nas luctas politicas, ordena-vos isso a vós padres, a vós sacerdotes?

Quereis a lucta?

Ide para os sertões gigantes da Africa ardente missionar aquelle povo ignorante e brutal?

Quereis a lucta?

Ide para a China, para o Japão, e luctae com a ignorancia, com o fanatismo.

Quereis a lucta? Não! respondeis.

Quereis dinheiro? Pois amigos uma viagem até ao paiz do oiro e dos diamantes....

## AO FUTURO.

O Futuro, n'um esplenduroso, entusiastico e extenso artigo, saúda a restauração de 1640; ao ultimar, porém, o producto da sua ingente e inimitavel penna, elle, o defensor acerrimo da Inquisição, brada, banhado em lagrimas:

«Fazei que o Proscripto se veja na sua Patria, como D. João, vas-

E desde então somos livres como o trovão, que ribomba! como o raio que lampeja, e que sobre a rocha tomba! como a aguia que devassa lá dos Andes a argamassa com orgulhosa altivez! Descança, velho, descança; que o teu povo, tua esp'rança, hade morrer portuguez.

Descança, pois. Se estrangeiros, cuspiendo n'esse estandarte, quizerem vir, insolentes, Os pulsos teus algemar-te, dize-lhes tu, denodado, que recordando o passado nunca temeste ninguem, que cada um de teus filhos, de Catão seguindo os trilhos, morrerá livre tambem!

Que venham! que aos portuguezes os brios não falleceram, mil vezes d'um Viriato romanos estremeceram!... Que venham! que nas batalhas, ao estalar das metralhas, ao ribombar do canhão, nós bradaremos unidos, de entusiasmo perdidos: O salvè luso torrão!

C. Vianna.

(Do Jornal de Braga).

salo da vespera, se vira no dia seguinte Soberano de Portugal».

E' incorrigivel este nojento papelucho!

Dize-nos, esterquilinio da imprensa: que direitos tem ao throno portuguez o teu decantado principe? Por ventura o senhor D. Miguel Junior não é filho do irmão do heroico monarcha o senhor D. Pedro IV? E não está provado, plenamente provado, que o inimigo implacavel do progresso, o amigo do patibulo, do cadafalso, dos autos de fé, dos jesuitas, foi perjuro, foi usurpador?

Que nobreza preside, pois, aos principios que sustentaes, para eterna vergonha dos liberaes, na imprensa, por meio dos vossos órgãos políticos?

Em que vos fundaes, párias despresiveis, para incitar este povo liberal á revolta?

Não sentis curvar-se-vos a frente, quando meditaes um pouco ácerca d'esta paciencia dos liberaes, dos liberaes, que, mais generosos do que vós, consentem, e permitem que uma classe de idiotas, os insulte infame e vilmente?

Onde estão os vossos decantados brios?

Onde o amor da patria que manifestaes nos vossos papeluchos?

Onde a religião que aprégoes?

Passae, passae, espectros hediondos do passado... passae envoltos no manto que adoraes, manto coberto de sangue e farrapos... passae com os vossos padres, com os vossos bonzos, passae!...

E quando amanhã, depois, ou mais tarde ainda, penetrar um raio de sol na treva que vos rodeia, purificae-vos no baptismo da retractação, e sede bem vindos...

Mas, por enquanto, use de outra linguagem, defendei os vossos principios, visto que assim vos apraz; mas não insulteis, quem vos dá o pão, quem vos offerece uma casa, um pedaço de terreno... não insulteis aquelles que, á custa de gran-

des esforços, plantaram, n'este abençoado torrão, o estandarte glorioso e triumphante da liberdade!

A' PALAVRA.

A «Palavra» temendo que o nosso illustrado collega, o «Diario da Tarde», nos abrigasse á sombra do seu manto de *impiedades*, rompeu n'um pequenino excesso, e houve por bem lançar-nos a excommunhão!

Bemdicta seja a «Palavra», que, apesar seus innumerados affizes, não quiz esquecer o impio «Liberal».

Bemdicto seja, de geração em geração, o órgão reaccionario, o jesuita encapotado, bemdicto seja.

Mas bom seria que a sanctissima «Palavra», fosse um pouco mais generosa.

Quando a nossa amabilissima collega quizer enlamear as nossas botas, não se esqueça de mandar-nos o seu papelucho. A gente gosta de saber com quem lida, porque enfim...

Se a «Palavra» nol-o permite, vamos contar-lhe uma historietta:

Quando, n'esta cidade, patria esplendurosa de Appinano, e tambem, infelizmente, de muitos fanaticos, se começou propalando a impagavel nova do estabelecimento da felecissima Associação Catholica, appareceu aqui, como que por encanto, o elegantissimo auctor da *agua benta ou petroleo*. N'esse dia, inolvidavel, a natureza vestio novas e fulgentissimas gallas, e o bronze sagrado estremeceu de jubilo. Dia eternal! dia sacro! hail!...

Ora por essa mesma occasião estava tambem para ver a luz publica o nosso impio e excommungado *Liberal*; e, por consequencia, como era natural, chegou esta novidade aos ouvidos do sapientissimo escriptor.

Apenas o communista catholico soube tão fausta noticia, tirou-se dos seus cuidados, e perguntou aos pardaes, que por sobre elle esvoaçava-

vam, quando teria o gosto de lér o primeiro numero do «Liberal».

Como os pardaes não respondessem a tão enfatuada pergunta, cahio o nosso homem nos braços da descrença, e sorriu; um dia porém, vendo que o decantado «Liberal», se não fazia annunciar prometteu o communista aos Marnocos do «Futuro» que havia de esmagar o creançaola, (muito obrigado) logo que sahisse o primeiro numero.

Mas o diacho do «Liberal», que, seja dicto em voz baixa, esquece, com muita facilidade, ameaças do diabo, (*Roberto do diabo*, vende-se a 40 rs.) calçou as botas, e sahio para a rua.

Ahi temos o nosso heroe percorrendo, coberto de suor, e de *petroleo*, as ruas da Augusta Braga, perguntando aqui, acolá, além, em toda a parte enfim; o «Liberal», porém, não apparecia.

E o modernissimo communista sentia que, o pó, as pedras, as hervas, os montes, lhe murmuravam ao ouvido — o *Liberal* —; o «Liberal», porém, não apparecia.

Mas, como diz lá o dictado, que quem procura, sempre encontra, succedeu tambem que o «Liberal», não sendo, como não era, nenhuma fada encantada, sempre appareceu.

Pobre «Liberal»! nunca tu tiveras apparecido...

Ao vêr o pomo appetecido o nosso *Rodilard* cahio sobre elle e... leu.

Dias depois vinha na *sancta* «Palavra» uma correspondencia... Proezas *petroleiras*!

A tal correspondencia dizia ou, talvez melhor, queria dizer em bom portuguez, que o «Liberal» fazia mal em ser liberal.

Agradeceu o «Liberal» os cumprimentos do correspondente, e terminou, mandando-o á fava.

O homem abedeceu e foi á fava... comprou fava, encheu os bolços, e apparece agora, n'uma local da «Palavra», dando parte da bella compra

Antes de principiar com a enfadonha analyse do «Açafate», vou responder aos criticos do estúpido *Futuro*.

Criticos? E' verdade. Tres corvos foram, os que se precipitaram por sobre os miseros artigos do *Liberal*. Tres corvos, tres!... Um é padre, um d'estes bonzos miseraveis que passam o tempo a fazer gymnastica pelas tabernas; outro é... que será elle? e o terceiro faz versos a borboletas, rosas, Saturnos e coizas mythologicas e anti-mythologicas.

Imagem os leitores tres litteratos, curvados por sobre uma velha escrivaninha, um escrevendo, outro consultando o sr. S. Luiz e o terceiro, sobraçando o guarda-chuva e correndo, pressuroso, as ruas da cidade, em busca de um sêr humano que, pelo amor de Deus, lhe dissesse se—alarimar—era comida portugueza!

O' Ticiano, Ticiano, que bello quadro para o teu pincel!...

Pois é verdade, os taes figurões, depois de terem examinado, mui detidamente, um dictionario portuguez, que se anda publicando, determinaram aniquillar a opinião do sr. D. Francisco de S. Luiz, e adoptar, como portuguezissimo, o participio *alarimante*. Chapcu na mão, (isto é d'elles, dos criticos) que passam os sabios!...

Mas deixemos para mais tarde o estúpido gallicismo — alarmante — e vejamos o valor que pôde ter a vastissima e profunda erudição da trindade, que, tão sem pejo, veio deftender um papelucho, prenhe de monstruosos disparates, papelucho que dorme por as livrarias de Braga com

que fez. Pois, amigo, já que teve o trabalho, que não foi pequeno, de comprar o tal e bem conhecido *liberismo*, queira ter a bondade de mi-mosear o estomago com elle.

Vamos dar uma felicissima noticia á «Palavra»: a Associação Catholica progride. Não tardará muito que, por um vintem, se jogue alli a *rolota*, o monte, o quino, a *suca* e a *verme-lhinha*. Por um vintem sustenta-se em uma casa, sustenta-se... enfim é aquillo que se vê. Apprenda alli, sr. Fonguetes!...

Que diz a «Palavra»? Boa gente santas pessoas!

Ao nosso collega do «Diario da Tarde» pedimos, com fervor, queira desculpar os excessos da «Palavra». A pobresinha anda tonta. Banhos de chuva, amiga «Palavra», banhos de chuva.

Coimbra 2 de Dezembro de 1872

(Do nosso correspondente).

Em uma cidade, como Coimbra, difficil e espinhosa é a missão d'um correspondente.

Coimbra presta-se pouco a occorrencias que interessem; no entanto farei por desempenhar a missão que me incumbi, pondo ao facto assíduos leitores do «Liberal» — que por aqui se fôr passando, e que mereça narrar-se.

O que mais se discute hoje n'esta cidade é a direcção, que deve tomar o caminho de ferro da Beira.

Os habitantes d'esta cidade julgam-se com direito a que elle lhes corra a cidade, para o que apontam, como facto capital, o commercio da mesma cidade.

Perderá ou ganhará o commercio do caminho de ferro?...

Para mim é ponto averiguado, que se não dá, nem uma nem outra cousa.

Coimbra exporta pouco; importa pouco mais, mas com grande interess

AÇAFATE EUCHARISTICO

entre as garras farpantes dos criticos do «Futuro».

Achava-me, como tenho por costume, em casa do sr. E. Chardron, quando, não sei porque terrivel fatalidade, o acaso me deparou um livro que, em abono do ridiculo, tinha o seguinte titulo — «Açafate Eucharistico».

Aquella epigrapha, em demasia risivel, despertou-me a curiosidade; o receio, porém, que me assaltou, ao lembrar-me que o interior podia não corresponder á parte externa, como que me deixou suspenso.

Depois de uma pequena luta comigo mesmo resolvi desenganar-me, e abri o «Açafate».

Li o prólogo, e disse, com os meus bolões: não está mau.

Continuei a lér e senti que, mau grado meu, os labios se me entreabriam.

Não havia duvida: o «Açafate» despertava-me o riso.

Ora como um livro consagrado ao Augusto mysterio do Altar, um livro tão religioso por entre cujas folhas candidas respiravam o ridiculo e a gargalhada, era cousa rara, e muito da minha predilecção, entendi (Deus me perdoe) que bem avisado andaria, se lhe escrevesse á margem algumas notasinhas.

— Uma observação: o «Açafate» estava em brochura, quer dizer, estava ainda virgem e, por consequencia, não podia lél-o muito á minha

vontade; motivo porque, depois de folhear um pouco, dei com o famoso—alarmante—a paginis 257; mas, para não dizerem (isto entende-se com os meticulosos criticos do *Futuro*. Logo direi porque escrevo o adjectivo —meticulosos—no plural) que o tal «Açafate» (aparte o alarmante) é um primor de pureza e correccção, tractarei agora de o analysar um pouco mais de vagar.—

Mas, como já dizendo, gostei do livro, e comprei-o.

Levei, como parece natural, o «Açafate», a perola fulgentissima, para casa e remirei-me, entre frouxos de riso, em o titulo (em o? salte o critico) d'elle.

«Açafate Eucharistico»? Ora o demão do padre sempre é levadinho da bréca!.. «Açafate Eucharistico»? Nada; este titulo não deve passar despercebido.

D'este meu enlevo pelo titulo nasceu um artigo publicado em o numero 9 do *Liberal*.

Mais tarde, porém, *alguem*, que tinha feito reparo na observação feita pela minha humillima pessoa ácerca do—alarmante, mandou-me um artigo para ser publicado no *Liberal*.

Li-o, e, como o não achasse mau, mandei-o para a typographia.

Quer isto dizer que o artigo, publicado em o numero 10 do *Liberal*, não me pertence; no entanto, para não dizerem que quero descarregar de sobre mim uma cousa que, por sem duvida, me deve incomodar, tomo agora a resolução de perflhar o tal artigo para, mais á vontade, poder arrostar com as iras dos criticos.

o perfumoso titulo — «Açafate Eucharistico».

Na famosa critica, principia o sr. Manel, em nome dos demais collegas, por dirigir-me, uma carta che de *espírito*, e, depois de respeitosos cumprimentos, diz:

«Ai! se v. s.<sup>a</sup> soubesse como se *palular* o meu coração...»

Bem sei que é tal o estado de certeza e inconstancia em que nos achamos ácerca da orthographia, que se torna summamente difficil toda composição d'este genero; quando porém, conhecemos a etymologia d'ella ou d'aquella palavra, nada falta para regularmos, rigorosamente, esta parte da grammatica.

Ora o verbo *palular* (assim escreve o sr. Manel) vem do latim *pullulare*; logo deve escrever-se *pullular* e não *palular*, como quer boçal Manel do Outeiro. Dóna quebra-nós aos criticos do *Futuro*, me apontarem algum trecho, onde venha este verbo, escripto de semelhante modo.

Querem vêr uma innovação? Escrevem:

«...ao mesmo tempo que me *fa-pouava* uma innocente inveja...»

*Farpoava*? Esta agora! *Farpoava* Farpar, farpear conheço, mas farpoava só em quaesquer dos planetas d'ale mundo se encontrará, porque n'esto mundo, pelo menos que eu saiba, usou tão peregrina palavra. E vo um critico d'estes, um sabio d'estos, jaez, lido e relido em trinta mil classicos, que vem deftender o «Açafate!...» Pobre padre Rocha! em que mãos tu cahiste! (Continúa).

O commercio vive da Academia, e nada mais; e senão é ver que, quando os estudantes võem de férias, sobem inconsideravelmente os preços dos generos.

Conserve-se a Universidade em Coimbra, que Coimbra de nada mais precisa.

O governo parece entender, porém que o caminho de ferro deve internar na Mealhada, e é esta a direcção que deve seguir, pois é a que mais se conforma com a justiça.

Vejam os que vem.  
— Na 5.<sup>a</sup> feira, 28 do passado, celebrou-se, como se havia annunciado, na Sé Nova, a missa por alma de Vieira de Castro, a que assistiram cerca de 100 estudantes.

A missa foi mandada dizer por um amigo íntimo do desditoso Vieira de Castro, um estudante do 4.<sup>o</sup> anno de direito.

Vieira de Castro deixou seus amigos em Coimbra, onde foi admirado e respeitado o seu talento.

— Acha-se gravemente enfermo, com uma phytica intestinal, o di-nissimo lente de medicina, o exm.<sup>o</sup> sr. Francisco Antonio Alves.

E' um dos talentosos lentes de medicina, e o seu estado perigoso não só contrista os seus amigos, mas todas as pessoas que avaliam o seu talento, e os seus muitos conhecimentos.

Fazemos votos para que s. exc.<sup>a</sup> se restabeleça afim de o vermos breve regendo a sua cadeira na faculdade de medicina.

— Acha-se entre nós, ha dias, o sr. conde de Paraty.

Sua exc.<sup>a</sup> tem sido cumprimentado pelos seus amigos dedicados, que os em, bastantes, n'esta cidade.

Até á semana. X.

CORRESPONDENCIA

O OLHO-VIVO.

Caro amigo. Lendo o numero 13 do «Liberal» senti bastante pena por não encontrar n'elle cousa alguma com relação aos abutres do — Olho-vivo; — e estou convicto que a muita boa gente, havia de acontecer o mesmo, porque todos gostam de ver desmascarar traficantes, hypocritas, segundijas e infames galopins, como são os taes vampiros surripadores do alheio.

E' certo, porém, que se tu nada viste, foi porque não tiveste quem te fornecesse esclarecimentos; mas trata de sondar, e, logo que possas, atira-lhe sem dó nem piedade; não os poupes, nem os temas, porque são covardes miseráveis, que só roubam, e attacam ás occultas.

Não sei se sabes que um d'esses leopordos traiçoeiros indo buscar lá, veio tosquado. Já tinha engolido a um certo individuo 98000 reis para se effectuar um contracto de venda de não sei que, e vai senão quando saltam-lhe em cima, e ficou no laço. E' a melhor partida que se podia pregar a um finório de tal lote. Chicote em cima, e deixal-os urrar.

Ten amigo,

J. M. da F.

DESPEDIDA

A' exc.<sup>m</sup> sr.<sup>a</sup> D. . . . .

Vou deixar-te!... oh! impõe-me o destino que vá longe, bem longe parar; Contra a sorte não posso lutar; E' forçoso, meu anjo, partir. Poucos dias já restam agora

P'ra chegar ao momento fadado, Em que perto do mar agitado Tu verás minha sorte carpir.

E depois... o adeus derradeiro Em delirio cruel te direi. Que distante... soar ouvirei Fatal horal em que é força deixar-te!... Um momento depois sobre as ondas Opprimido de acerbo penar, Me verás bem ligeiro affastar Sem poder outra vez abraçar-te!...

E depois, quando est'alma não possa Avistar tua sombra, querida!... Oh! de certo minh'alma abatida Não tem força p'ra tanto soffrer!... Em pensar, ó mulher adorada, N'esses dias d'infundo tormento, Sinto n'alma o cruel desalento, Que da vida me faz já descer!...

E' meu fado... é meu fado deixar-te... E talvez p'ra não mais cá voltar... Nem me é dado poder arrancar De meu peito mais tristes lamentos!... Desgraçado! nem levo a esperança De voltar outra vez... e ditoso Abraçar esse peito formoso, Esquecer meus passados tormentos! Arcos.

NOTICIARIO.

Tem de festejar se, na Sé Primacial, no dia 13 a imagem de Santa Luzia.

Consta-nos que haverá pela manhã missa cantada, e de tarde sermão. Hoje teremos vespersas solemnes.

Foi brilhantissimo o discurso lido pelo exm.<sup>o</sup> sr. Pereira-Caldas, homem que junta a uma profunda intelligencia, vastissima erudição, na Sociedade Democratica Recreativa.

Para os nossos leitores avaliarem a belleza e sublimidade do discurso do sr. Pereira-Caldas, transcrevemos do programma do mesmo senhor os pontos em que tocou.

Eil-os: «Divisão geral das phases architectonicas dos monumentos religiosos em 5 classes:

Druidicos ou célticos, cognominados igualmente gaulezes; romanos; romanos-byzantinos, cognominados ainda byzantinos somente; ogivães, cognominados gothicos geralmente; e renascentes ou regenerantes, cognominados usualmente da renascença.

Symbolismo geral dos monumentos architectonicos do culto christão, especialmente na fórma ogival.

Fórma de cruz dos templos — torres e sinos — relógio e gallo — botarões e pináculos — laçarias e frestas — lunetas — ogivães — adro em roda dos templos.

Entrada grande com porta pequena — muitas aberturas com pouca luz — naves amplas — capellas lateraes — estatuas — alampadas — altar-mór.

Baptisterio — confessorario — sepulchro.

Oração e canticos — echo das preces ».

Alguns dos membros mais illustrados da nossa sociedade foram, depois de acabada a leitura, cumprimentar o talentoso professor congratulando-o por lhes ter proporcionado ensejo de, mais uma vez, poderem admirar os recursos do seu muito saber.

E' que o sr. Pereira-Caldas, a despeito dos seus inimigos, dos reactionarios, ha-de ser sempre, para os homens imparciaes, uma intelligencia robusta entregue, incessantemente, ás lidas do estudo.

Do nosso humillimo logar damos os parabens ao mestre, ao liberal convicto.

Como a nossa folha se presa de ser religiosa, transcrevemos, a pedido do doutor das *Novidades*, o seguinte:

CONVITE

SANTA UNIÃO DE ORAÇÕES

Todas as almas christãs são convidadas a formarem uma Santa União de Orações, para se obter a libertação do Santo Padre e da Igreja por intercessão de Maria Immaculada, Auxilio dos Christãos, e para isso se dirá todos os dias até 8 de Dezembro no oitavario e seguintes, tres vezes, depois das Ave Marias, em união com milhares de christãos que já a dizem, esta breve invocação:

— O' Maria, concebida sem peccado, rogae por nós que recorremos a vós.

Pede-se a todos os jornaes religiosos que transcrevam este convite.

Recebemos o relatorio ou orçamento geral da receita e despeza da exm.<sup>a</sup> camara municipal d'este concelho.

Ainda não tivemos tempo para o examinar com attenção; mas parece-nos ser um trabalho primoroso. Agradecemos a remessa.

Os jornaes opposicionistas dizem que os ministros actuaes andam seriamente preoccupados com a ideia da abertura do parlamento, receiando apresentarem-se a dar contas ao povo, dos seus actos.

São maus agoureiros estes senhores; mas tenham paciencia, porque o povo sabe perfeitamente que quem soffre precisa desabafar... São amargos de bocca.

O redactor das *Novidades* anda, segundo dizem, a escrever um necrologio lamentando a perda d'um estandarte carlista!

Os *Apostolos do mal*, no theatro Baquet, tem dado que fazer á respeitavel *Palavra*; temos dó d'ella; mas console-se com a sorte, porque Judas ainda mais soffreu...

Olhe, Palavrinha, aqui n'esta santa Braga, existe um preclarissimo cidadão — o doutor das *Novidades* — que lhe quer muito do coração. E' um mignelista d'antes quebrar que torcer; por isso, quando precisar de novidades, é só fallar-lhe, porque se não-de entender perfeitamente!

Ha dias, fazendo-se a chamada dos jurados sorteados, para um julgamento criminal, ouviu-se o nome do editor responsavel do *Futuro*, e como se dissesse que estava pronunciado, com um processo que o M. P. lhe promove por abuso de liberdade de imprensa, foi mandado passear ao ar livre.

Perguntamos nós agora: que é feito d'esse processo? qual a rasão porque não prosegue nos seus transmites legaes?!

Ha dias, percorreram as ruas da cidade os vigias municipaes, á caça das gallinhas; foi uma completa patuscada. Uma mulher gritava pela sua franga de crista torta, outra pelo seu gallo calçado, e outra pela sua gallinha amarella: os rapazes saltavam e parodiavam o cantar dos gallos, e os homens, donos das avesinhas, praguejavam fortemente. Foi tudo em vão; os bravos vencedores das gallinhas lá caminhavam lentamente, sorrindo com desdem, e affim recolheram a quarteis, já alcançados do combate, mas cheios de gloria, e de...gallinhas!!

Tornamos a rogar á exm.<sup>a</sup> camara para que obste ao modo, um pouco anti-religioso, porque, ás vezes, os coveiros do cemiterio enterram alguns cadaveres, com especialidade de pobres.

Parece-nos que o pobre deve ter as mesmas garantias que o rico, na occasião de o lançarem á ultima morada; no entanto temos visto, por diferentes vezes, aquelles primeiros serem alli lançados com bastante desamor.

Por esta occasião não podemos deixar de fazer a devida justiça ao sr. Veiga, digno guarda-mór d'aquelle local, pelo zelo e boa vontade, que tem mostrado no desempenho de tudo aquillo que é inherente ao seu cargo, e se mais não tem feito, é por a exm.<sup>a</sup> camara ter side surda a parte dos seus pedidos, segundo nos informam.

A terrivel molestia da variola pode considerar-se completamente varrida, pois são rarissimos os casos que agora se teem dado.

Calculam-se em mais de duas mil pessoas a mortandade que ella causou n'este concelho.

Felizmente o pobre localista até hoje, apenas a tem visto nos outros, e com muitas esperanças de não provar tal petisco. No entanto sempre direi: Deus sobre tudo.

Recommendamos ao doutor das *Novidades*, como *novidade*, para as suas *novidades*, a publicação d'uma nova arte de mentir, que, segundo nos consta, cedo vae ver a luz da publicidade.

Sabemos que o illustre doutor não precisa d'ella, pois já todos o conhecem feito em tal materia, no entanto pode-lhe servir para amestrar os seus queridos discipulos em tão *ingente sciencia*. Diz um proverbio doutor, que a mentira é o recurso das creanças, dos *tolos e dos máos*.

Tudo vae ás mil maravilhas n'esta terra. Na rua do Carvalhal temos um collegio jezuitico para *ensino* de meninos; mais abaixo a feira da berva e dos porcos; na rua de Jano, no canto, uma casa de associações mignelistas *d'antes quebrar que torcer*, e no cantinho, casa de pasto e frigideiras de bom picado, a 40 e 50 rs.

Em vista de estar quasi concluida a nova praça, não seria mau que a exm.<sup>a</sup> camara mandasse sem perda de tempo, proceder ao alargamento da rua da Escoura, pois nos dias de feira torna-se completamente intransitavel pela sua estreiteza.

Aquelle trabalho ha já bastantes annos que foi approvado, e por isso não seria mau o quebramento d'aquelle encanto.

Fallaremos mais delidamente sobre este ponto quando não sejamos attendidos.

No domingo, falleceu, n'esta cidade, o sr. Luiz Antonio Lopes Braga, abastado proprietario, que, por muitos annos, foi negociante no Pará. Teve, segunda feira, officios funebres no templo dos Congregados.

Deixou dous filhos e duas filhas. Sóbe a mais de 200 contos o seu espolio. Ficou testamenteiro o sr. visconde de S. Lazaro.

Enviamos os nossos pezames a sua familia.

Um certo negociante d'esta cidade, que ainda espera trazer ao carrucho o Senhor D. Miguel *segundo*, grita a bom grito contra o «Liberal», e diz, que ainda hade vêr os seus redactores obrigados a emigrar. Olha, Chiquinho, vae vendendo iscas e rabos de bacalhão, e deixa-te de historias, porque todos nós sabemos o que te falta...

De novo rogamos a quem compete para que faça retirar da rua de St.º Antonio, do campo dos Touros, dous pobres que ali costumam estar todos os dias, com as pernas descobertas, e em um lastimoso estado.

Alguns empregados d'esta cidade, tentam dar o primeiro impulso á fundação d'um monte pio, havendo para esse fim brevemente uma reunião, para mais largamente se discutir sobre tam louvavel assumpto. Conhecemos os cavalheiros, que tiveram taes ideias, e por isso temos quasi que toda a certeza de que não serão infelizes na sua tentativa.

## AGRADECIMENTO

A commissão escolastica do 1.º de Dezembro agradece penhoradissima ás illustres auctoridades, civis, administrativas, ecclesiasticas, e militares, e aos exc.ºs cavalheiros, que se dignaram assistir ao solemne *Te-Deum*, que, no dia da Restauração Portuguesa, mandou celebrar na Sé Primacial, e á missa funebre, que, no dia immediato, mandou dizer no templo dos Congregados.

A commissão tambem agradece a todos os nobres habitantes d'esta cidade que illuminaram as suas casas, e com especialidade áquelles que as coadjuvaram em tão patriótica commemoração.

Presidente—Manoel José Gonçalves Presa.

Vice-presidente—Francisco Antonio Peixoto de Lima.

1.º Secretario—Narciso Alberto de Sousa.

2.º Secretario—José Antonio Vieira Marques.

Thesoureiro—José Gomes d'Araujo Alvares.

Vogaes—Luiz Manoel Marques.

„ Alexandre de Sousa e Silva.

„ Antonio d'Oliveira Gomes.

„ Antonio Augusto da Silva Gomes Ramos.

„ Antonio Joaquim da Silva. (48)

Antonio Joaquim Correia d'Araujo, summamente penhorado para com todos os illm.ºs e exm.ºs snrs. que lhes fizeram a honra de o cumprimentar, pela occasião dos seus incommodos de saude e de sua irmã Maria das Dores Correia d'Araujo, a todos agradece cordealmente protestando-lhes infinda gratidão. (42)

## ANNUNCIOS.

Por ordem do Exm.º Governador da Companhia Geral de Credito Predial Portuguez, se previnem todos os possuidores d'obrigações prediaes e municipaes d'aquella Companhia tanto nominativas, como ao portador que n'esta cidade e na casa do respectivo agente, campo de Sant'Anna n.º 66, se pagam os juros das mesmas obrigações, com vencimento no 1.º de Janeiro do anno proximo futuro, devendo os portadores que assim o desejarem declaral-o até ao

dia 15 do proximo futuro mez de Dezembro; afim de se providenciar convenientemente o referido pagamento.

Braga 21 de Novembro de 1871.

João Antonio da Silva Pereira. (45)

## PHARMACEUTICO.

Precisa-se d'um pharmaceutico legalmente habilitado, para administrar uma Pharmacia no Porto. Quem se julgar nas circumstancias póde dirigir-se a João Marques d'Oliveira Guimarães, rua das Flores n.º 300, Porto, que está encarregado do contracto. (46)

## AGENCIA MARITIMA

GALERIA N.º 59—BRAGA.

N'esta agencia tratam-se passagens para todos os portos do Brazil, em paquetes e navios de véla, e tambem se tiram passaportes.

Preços de paquetes 40\$000 e 45\$000 reis; e de navios de véla mais barato que em outra qualquer agencia.

Aos passageiros de navios de véla affiança-se a pouca demora na cidade do Porto, o que se póde provar com pessoas d'esta cidade: tambem se dá logar, gratis, nas diligencias dos snrs. Mesquita e Teixeira.

Recebem-se tambem encomendas para todos os portos do Brazil.

O gerente,

Antonio José Pereira da Cunha.

## COZINHEIRO.

Carlos dos Santos Pereira, cozinheiro que foi do Caffé Vianna, estando em casa do snr. José Certo declara que recebe todas as encomendas d'este genero encluido pastellaria e gellados por preços razoaveis.

N. B. Tambem vae fazer encomendas ás casas particulares. (29)

## BICHAS

Manoel José Ferreira, com loja de barbeiro na rua dos Chãos n.º 17, tem bichas de sangria, de superior qualidade, para alugar ou vender, promptificando-se a ir deital-as aonde fór chamado. (29)

## Praticante de pharmacia.

Precisa-se para uma Pharmacia d'esta cidade — que tenha 3 ou 4 annos de pratica — a fallar ao administrador d'este jornal.

## Correspondentes.

Para um jornal de Lisboa; precizam-se de correspondentes em todas as terras. Carta a C. S. Escritorio na Calçada do Duque n.º 14, 1.º andar.—Lisboa.

## LIVRARIA DE EUGENIO CHARDRON

Largo de S. Francisco n.º 4 —Braga.

Encontra-se á venda na dita livraria todos os compendios adoptados no lyceu nacional de Braga, bem como todas as novas publicações. (9)

## ARMAZEM DE VINHOS DO ALTO DOURO

DA

CASA DE VILLA POUCA.

Rua do Souto n.º 15.

BRAGA.

Acaba de ser sortido este armazem com as seguintes qualidades de vinhos engarrafados e aquartilhados:

ENGARRAFADOS	
Vinho tinto de meza	150
„ „	190
„ Lagrima	200

## AOS SNRS. COMMERCIAENTES

# O COMMERCIO DE PORTUGAL

JORNAL EXCLUSIVAMENTE DEDICADO A ADVOGAR

OS INTERESSES DAS CLASSES COMMERCIAES.

Em Inglaterra, França, Allemanha e outros paizes o commercio chegou a tão grande desenvolvimento; e como tal os commerciantes tem jornaes exclusivamente seus afim de ~~avogarem~~ *avogarem* os interesses das classes commerciaes, sendo estes publicados sob a protecção dos mesmos snrs., que não só p. tam suas valiosas assignaturas, como tambem, os mais abastados, auxiliam as empresas com diferentes donativos, o que lhes garante a longa vida e prosperidade dos seus orgaos de defeza, e é raro o commerciante que seja assignante dos denodados campeões de defeza das mesmas classes a prova está em que frequentemente em todos os estabelecimentos se contram essas folhas, que diga-se a verdade, são lisongeiamente acolhi por aquelles a quem se dedicam.

E isto nós desejamos se dê em Portugal; paiz em que o commercio tem adquirido grande desenvolvimento, e que de certo augmentará se tem na imprensa esforçados defensores que despidos de ambições, e alheio paixões partidarias, só cuidem na defeza e interesses das classes commerciaes, que tão necessitadas estão de fazer valer os seus direitos.

Em Portugal as classes commerciaes têm por unicos orgaos: O «Comercio do Porto» e o «Jornal do Commercio» de Lisboa, falta esta, muito prejudica tão grande numero de cavalheiros, que privados de orgaos exclusivamente seus, não podem desaffrontar-se; por isso se acham á mercê de arbitrariedades governamentais e sobrecarregados como estão de onerosos impostos.

Em vista de tão anômalas circumstancias, resolvemos publicar um jornal, onde todos os snrs. commerciantes existentes em Portugal, possam gratuitamente expender as suas ideias em prol da causa commum, advogando os seus interesses e defenderem-se dos ultrages e humilhações de que possam ser victimas e para maior utilidade dos mesmos snrs. publicaremos as principais noticias dos jornaes que se publicarem em Portugal; e para que possam annunciar seus estabelecimentos com verdadeira economia os annuncios custar-lhe-hão 20 rs. a linha, e sendo repetidos 10 rs.; e aos assignantes é concedida a publicação gratuita de um ou mais annuncios cuja importancia represente o custo da sua assignatura, conveniencias es que devem agradar pela utilidade que lhes proporcionamos.

A publicação do COMMERCIO DE PORTUGAL, será diaria, e começará logo que haja o preciso numero de assignaturas que garantam a existencia, e será unicamente redigido e collaborado por commerciantes de Portugal, e aos que nos quizerem honrar com seus dedicados serviços damos o façam já constar no escriptorio da empresa.

No primeiro numero d'este jornal, principiaremos a publicar os nomes de todos os cavalheiros que nos auxiliarem e prestarem as suas assignaturas e collaboração.

Esperamos que toda a imprensa portugueza, nos auxiliará concedendo-nos a publicidade do presente, para inteiro conhecimento dos snrs. commerciantes, favor que cordealmente agradecemos.

As assignaturas são pagas adiantadas. Lisboa, 1 mez, 240 rs., trimestre, 700 rs.—Provincias, 1 mez, 370 rs., trimestre, 1\$100 rs.—Açores trimestre, 1\$100 rs.—Provincias ultramarinas e Brasil, etc. augmenta o importe das estampilhas.

O importe das assignaturas das provincias póde ser enviado em estampilhas ou vales do correio, devendo toda a correspondencia ser dirigida franca de porte ao gerente Cardoso de Sousa escriptorio, Calçada do Duque n.º 14, 1.º andar. — Lisboa

- » Branco de meza
- » tinto de meza fino
- » de prova secca
- » Malvasia de 2.ª
- » „ velho
- » Bastardo
- » Moscatel
- » Malvasia
- » Roncão
- » Alvaralhão
- » Velho de 1854

## A RETALHO

Vinho para meza 40 e 80, o qualinho tinto e 120 o branco.

Responde-se e garante-se a por e boa qualidade de todos estes vinhos, podendo todo e qualquer consumidor mandal-o experimentar meio de qualquer processo chymico.

N'estes preços não fica incluido valor da garrafa que o comprador apresentará ou pagará 40 reis cada uma. (8)

Este jornal está habilitado.

BRAGA:—Typ. de D. G. Gouveia Rua Nova de Souza, n.º 45.